

Um historiador combatente: István Jancsó

A fighting historian: István Jancsó

MOREL, Marco; SLEMIAN, Andréa; LIMA, André Nicácio (orgs.). *Um historiador do Brasil*: István Jancsó. São Paulo: HUCITEC, 2010, 400 p.

Denis Bernardes

Professor associado
Universidade Federal de Pernambuco
denisbernardes@uol.com.br
Rua César Loureiro, 40/502 - Casa Forte
52060-350 - Recife - PE
Brasil

Palavras-chave

História intelectual; História política; Brasil.

Keywords

Intellectual history; Political history; Brazil.

211

Enviado em: 6/1/2012
Aprovado em: 4/2/2012

Em boa hora, Marco Morel, Andréa Slemian e André Nicácio Lima tiveram a feliz ideia de realizar este livro, baseado em uma série de sete entrevistas feitas com István Jancsó, entre 10 de abril de 2007 e 22 de janeiro de 2009. Em boa hora pela importância do seu conteúdo e porque, infelizmente, pouco antes do livro vir à luz, István Jancsó faleceu. Das entrevistas resultaram os sete capítulos do livro, acompanhados de uma iconografia. Pelo enunciado dos capítulos, o leitor já pode perceber as *errâncias* que são mais do que espaciais: "Da Europa em guerra ao marxismo em São Paulo", "USP: da efervescência da Maria Antônia ao golpe de 1964", "Na Bahia e Paraíba: fazer história durante a ditadura", "1968, exílio e volta ao Brasil", "Luta clandestina e oposição operária", "Das Comissões de fábrica ao retorno à USP" e "A nação como projeto".

O livro traz, ainda, a bibliografia de István Jancsó e um índice onomástico, das instituições e das obras - úteis e indispensáveis instrumentos de leitura e de pesquisa. Dois textos elaborados por István Jancsó quando participou da Oposição Sindical estão reproduzidos no Anexo: "A questão da unidade da Oposição Sindical" e "Contribuição para um programa de ação sindical unitária".

O interesse e a riqueza deste livro têm várias faces. Amigos, colegas, ex-alunos de István Jancsó, os tantos que ele teve pelos Brasis e por outras terras o lerão para recordar sua figura humana generosa, acolhedora, animadora de tantas vocações e de tantos projetos. Todos que o lerem, porém, aqui encontrarão a vida de um historiador que foi durante muitos anos um *andarilho*, que mergulhou fundo nas lutas, esperanças e desilusões do seu e do nosso tempo, que, como dizem os organizadores deste livro, exerceu o ofício de historiador com encantamento e soube transmitir esse encantamento em seus trabalhos e em suas relações docentes. Para a história política e intelectual do Brasil, este livro traz um material precioso sobre como foi viver, ensinar, produzir, ter militância política sob a ditadura, para quem estava contra ela e lutou para derrubá-la. As teias de sociabilidade e de solidariedade então tecidas, a ameaça sempre presente da prisão, da tortura, de ser denunciado por alguém que, humanamente, não resistisse ao saber e ao ofício dos torturadores. Destaco duas situações que expressam o quanto a ditadura criou uma anormalidade cotidiana que levava a atos e comportamentos abjetos, colocando a todos sob um clima de arbítrio carregado, evidentemente, de grande tensão. A primeira foi o encontro, na prisão, de um ex-colega do curso secundário, na função de auxiliar do delegado Antônio Fleury, o torturador herói da ditadura e do empresariado brasileiro. A segunda foi a denúncia feita por estudantes de um dos cursos do professor István Jancsó, de que um policial infiltrado estava gravando suas aulas.

Fernando Novais, amigo de longa data, denominou István Jancsó de "*um historiador 'húngaro-brasileiro-paulista-baiano', tudo ao mesmo tempo*" (MOREL, SLEMIAN e LIMA 2010, p. 10, grifos nossos). Já temos nessa denominação uma ideia dos percursos de vida e das identidades. Lembramos, ao pensar nos percursos de István Jancsó, o título do poema de Ascenço Ferreira: *Oropa, França e Bahia*. Percursos que, em uma existência de 72 anos, tiveram início com seu nascimento na Hungria, em 1938, às vésperas da Segunda Guerra

Mundial e se encerraram com sua morte em São Paulo, em 2010. Entre as duas datas um resumido registro de sua trajetória inclui uma passagem com seu pai, sua mãe e um irmão por um campo de refugiados gerido por ingleses (1945-1948); a vinda para São Paulo, a escolaridade em português, sem perder as raízes culturais húngaras; o escotismo, os estudos secundários, as muitas leituras em português e húngaro, nesta última língua a leitura dos clássicos gregos e latinos e de François Villon, objeto de um verdadeiro fascínio; a entrada na Real Aerovias, como comissário de bordo, uma forma, - carregada do charme da aventura e da modernidade - de conhecer o Brasil; a descoberta da política e do marxismo; a escolha da história com a entrada na USP como estudante e depois como instrutor na cadeira de Eduardo d'Oliveira França, onde conviveu com Fernando Novais e Carlos Guilherme Mota; as aulas de Sérgio Buarque de Holanda; o ensino na PUC-SP; o convite (naturalmente recusado) feito por um agente da CIA para ser um bem remunerado informante sobre o que se passava na USP; a ida para Salvador como professor de Introdução aos Estudos Históricos, abandonando então uma promissora carreira na USP, para ir conhecer o Nordeste (uma loucura, disse Fernando Novais, expressando o pensamento dos mais próximos); a passageira filiação à Ação Popular, a questão da proletarização dos militantes de esquerda oriundos da classe média; a passagem por Cabedelo, na Paraíba, com estudantes da PUC, para realizar uma pesquisa socioeconômica, convidado pelo pároco local, quando da emocionante *première* de *Morte e Vida Severina*, de Chico Buarque; o exílio em Paris; o ensino em Nantes; a participação no Seminário sobre a História Quantitativa do Brasil (Paris, 1972); a volta ao Brasil, via Rio de Janeiro; a ida ao Rio Grande do Sul, em uma semiclandestinidade, a prisão, a transferência para o Rio de Janeiro, como preso político, quando foi submetido a torturas, que o deixaram parcialmente surdo para o resto da vida; a volta a São Paulo como militante político, quando se tornou amigo de Santo Dias, o militante operário morto pela polícia em uma manifestação frente a uma fábrica; a experiência como executivo, na área de recursos humanos, de uma multinacional alemã, em São Paulo, a MWM; a volta à USP, mediante concurso público; a docência, a coordenação do Centro de Apoio à Pesquisa Histórica; a direção do Instituto de Estudos Brasileiros; a coordenação do Projeto Temático Brasil: Formação do Estado e da Nação; a criação da revista eletrônica *Almanack Brasiliense* e a grande aventura final de dirigir o Projeto Brasileira USP, incorporando a Biblioteca Guita e José Mindlin. Percurso de uma evidente diversidade e riqueza, com vivências que estão narradas em detalhes ora pitorescos, ora dramáticos, mas sempre com uma grande acuidade intelectual e uma especial inteireza moral.

Ao reler este livro especial em nossa bibliografia histórica e biográfica – pois se trata ao mesmo tempo de um livro de história e de uma biografia, de uma vida na história –, fiz mais de quatro páginas de notas sobre cada um dos assuntos, acontecimentos, pessoas, situações que estão presentes ao longo das lembranças que István Jancsó ia evocando a partir das perguntas dos organizadores do livro. Lembranças que incluem a descoberta do mundo por um garoto filho de um oficial do Real Exército Húngaro, em uma situação de

perda de status e de propriedades pela chegada dos comunistas ao poder, arrancado de seu meio social e cultural para viver em outro país, com língua e cultura estranhas, passando por um profundo mergulho na vida política sob a ditadura civil-militar instalada no Brasil em 1964 e pelas rigorosas exigências do exercício do ofício do historiador.

As descobertas intelectuais feitas por István Jancsó foram pontuadas por leituras que a memória registrou e que, por vezes, estão associadas a professores e professoras em diversas fases da vida. Neste, como em muitos outros aspectos, este livro é também uma fonte de pesquisa. Nessas lembranças estão presentes leituras de: Karl May, ainda na longínqua infância na Hungria; de *Um dia na vida de Brasilino* – uma espécie de ABC do nacionalismo de esquerda, no pré-64 – indicado por um médico comunista, pai de uma amiga da adolescência; de Johan Huizinga (*O outono da Idade Média*) e de Karl Marx (*O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*), ambos por indicação de Fernando Novais; de Jean Paul Sartre (*Questão de método*); de Lukács (*História e consciência de classe*); de Celso Furtado (*Formação econômica do Brasil*); de Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil contemporâneo*); de Francisco Adolfo de Varnhagen, de Capistrano de Abreu, de Pedro Calmon, de Pierre Vilar, de Lênin, dos austromarxistas, de Lucien Goldmann, de Eric Hobsbawm, de Wright Mills, de Albert Soboul; de Frédéric Mauro, dos Annales e a descoberta da história quantitativa; de Nelson Werneck Sodré, sobre quem tinha severas restrições, especialmente ao livro *Formação Histórica do Brasil*, mas posteriormente revistas para outras obras. Para além dessa lista, naturalmente incompleta de professores, de autores e de livros que marcaram a sua formação, estão presentes as amizades acadêmicas e pessoais, evocadas com o olhar do amigo, mas sem louvações descabidas e, mesmo, com notações críticas. E, em muitos casos, houve também desafetos, especialmente para a gente de direita, não por ser de direita, mas quando a posição política vinha acompanhada do oportunismo e mau caráter tão florescentes nos anos da ditadura. Todas essas notações intelectuais e biográficas constituem importante fonte para uma história da vida intelectual no Brasil sob a ditadura, aspecto do qual o livro é pleno de informações. Estão presentes a USP dos anos 1960-1965, os anos gloriosos da Maria Antônia, já quase um tempo mítico e a USP do AI5. Em boa parte do livro, encontram-se importantes notações para a história de dois momentos da sociabilidade intelectual e acadêmica no Brasil, antes e depois do golpe civil-militar de 1964. Em outras palavras, como era viver, ensinar, produzir antes e depois de 1964. Para os anos da ditadura, a estada na Bahia, a inserção em uma nova realidade, os ritos de passagens para ser aceito na sociedade baiana (o registro de um almoço no solar de Wanderley Pinho, descrito como um teste feito por um refinado intelectual do velho senhorio baiano, é uma das melhores páginas do livro); a montagem dos cursos de Introdução à História, o convite/desconvite feito ao historiador francês Albert Soboul para proferir conferências, depois canceladas por causa de sua condição de membro do Partido Comunista Francês; a montagem do Planejamento no Governo do Estado da Bahia; a descoberta de uma preciosa documentação operária, em

um sótão de antigo solar senhorial, transformado em marcenaria, documentação depois perdida pelo próprio Arquivo Público da Bahia, assim como o achado e salvamento da documentação da Alfândega da Bahia, quando Antônio Carlos Magalhães mandou incendiar e demolir o Mercado Modelo; os contatos com Kátia Mattoso e seu grupo, a relação com Dom Timóteo Amoroso Anastácio, abade do mosteiro de São Bento e com padres franceses, espanhóis e italianos, estes últimos, jesuítas nucleados em torno da revista *CEAS*, são outros tantos aspectos da trajetória de vida de István Jancsó, que podemos conhecer com este livro.

Uma das partes mais fascinantes do livro é o relato da luta política, quando István Jancsó retoma os contatos com operários em São Paulo e participa da Oposição Sindical e da criação da chamada *Articulação*, onde encontra gente como Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Hélio Bicudo, Plínio de Arruda Sampaio, Perseu Abramo, José Serra, Francisco de Oliveira, Roberto Gusmão, Vinícius Caldeira Brant, e Santo Dias. As conversações então realizadas visavam à montagem de um Partido Socialista, mas não foi o que ocorreu. Uns foram fundar o PMDB, outros o PT, e outros decidiram não ter filiação partidária, como foi o caso do próprio István Jancsó. Foi um momento especial do fazer política no Brasil, realizando a tão desejada união entre intelectuais e trabalhadores. O Partido dos Trabalhadores surgiu nesse momento, fruto das novas condições da vida política que o processo de liquidação da ditadura proporcionou.

Além de todos os elementos do vivido em sua concretude de atos e gestos, ao longo de quase todo o livro está presente uma constante preocupação teórica sobre a história e sobre o ofício do historiador. Já desde o momento em que abandonou seu emprego na Real Aerovias e recusou ser o herdeiro de um consultório odontológico para fazer o vestibular de história, essa escolha foi mais profunda que apenas a escolha de uma profissão: "*Quando minha mãe tocou nesse assunto eu disse: 'mãe, você acha que eu vou passar o resto da vida olhando o dente, a boca dos outros?'. Eu disse: 'eu quero ver a vida'. E a vida é ver História, ver Literatura, a vida é isso*" (MOREL, SLEMIAN e LIMA 2010, p. 45, grifos nossos). Dois depoimentos mais, entre muitos outros, darão ao leitor a dimensão dessa escolha:

Talvez a síntese mais perfeita que eu ouvi desta coisa que estou querendo dizer é o título de um livro de Chico de Oliveira, que é a Elegia para uma re(li)gião. Ele faz um jogo de palavras que é magnífico e que mostra essa coisa... Naquela época – eu falo por mim e por algumas pessoas, outros depois não –, não era só uma questão de crítica científica. Era uma coisa visceral. O conhecimento tinha a ver com a vida da gente; e a vida da gente não era a biografia da gente, era a vida da gente, o país, a nação, essas coisas... (MOREL, SLEMIAN e LIMA 2010, p. 70-71).

Isso de ensino na formação teórica era uma das vertentes da minha relação com a historiografia. A outra era o trabalho massivo com a documentação. A história do movimento operário na Bahia era uma novidade também para mim. Foi quando eu aprendi a ir ao arquivo, a organizar documentação, sempre muito atento para a dimensão instrumental. Também minha experiência com o computador. Então, essa coisa de historiador é, para mim, um ofício com toda a sua complexidade envolvida, e sempre nessa

ótica da responsabilidade (responsabilidade parece papo da JUC), essa dimensão cidadã, libertária, que é constitutiva do ofício, sem a qual ele não tem nenhum sentido (MOREL, SLEMIAN e LIMA 2010, p. 172).

O último capítulo, "A nação como projeto" é um texto tão rico que pode ser objeto de um seminário acadêmico, pelas questões que suscita, pelos impasses que aponta, pelo que sugere como temas de investigação. O livro termina com a fala de István Jancsó sobre a Biblioteca Brasileira, ou seja, o projeto de reunir, guardando as respectivas características, a Biblioteca Guita e José Mindlin e a Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros. Foi o grande projeto final de sua vida, que não chegou a ver concluído, mas que terá para sempre sua marca. Projeto que o tomou por inteiro, no qual pôde viver sua paixão pelos livros e por sua democratização através da digitalização e difusão de obras que, por mais preservadas e conservadas que fossem, permaneceriam sempre tendo o seu acesso e desfrute como privilégio de poucos.

Podemos dizer que em todos os seus combates, em seus conflitos, em suas escolhas, em seus engajamentos políticos e intelectuais, István Jancsó realizou aquilo que era o fio condutor do comportamento aristocrático aprendido do pai, quando este, discordando da opção política do filho, disse: "*Não é o que gostaria que fosse, mas se for, faça com honra*" (MOREL, SLEMIAN e LIMA 2010, p. 92, grifos nossos).

Em livros desta natureza, um apaixonado relato de uma vida, sob o olhar e o sentimento de um sujeito singular, muitas outras lembranças de outros sujeitos igualmente partícipes dos acontecimentos narrados podem trazer retificações, discordâncias, complementações. Não cabe aqui fazê-las, mas, gostaria de assinalar que István Jancsó, ao falar da recepção da história quantitativa no Brasil, deixou de mencionar o trabalho de Gadiel Perruci, que, no Recife, fez pesquisa nessa direção e teve sua tese de doutorado orientada por Frédéric Mauro. Quanto aos aspectos editoriais, o livro teria ganhado em ser acompanhado de mais notas, algumas delas biográficas, outras com uma mais completa identificação de algumas obras citadas, e de uma cronologia ou datação de alguns acontecimentos e eventos. Por exemplo, a data da defesa da livre-docência na Universidade Federal Fluminense. Creio, ainda, que a afirmação feita por István Jancsó de que foi J. Borges quem ilustrou a capa da revista *Proposta* é um equívoco. Como se pode ver na reprodução da mesma, publicada na iconografia do livro, o ilustrador foi JCL (José Costa Leite).

Ao organizarem este livro, Marco Morel, Andréa Slemian e José Nicácio Lima deram uma grande contribuição à historiografia brasileira, ao registrarem o fazer história como ofício de vida de um historiador combatente, para quem as exigências do rigor teórico e da solidez documental não podiam ser dissociadas de uma *dimensão cidadã, libertária, que é constitutiva do ofício, sem a qual ele não tem nenhum sentido*.

Por fim, o que se pode desejar é que este livro seja lido por um amplo público e, especialmente, pelos estudantes de graduação e de pós-graduação em história, *a moçada*, como diria István Jancsó.